

A EDUCAÇÃO JESUÍTICA EM TEMPOS DE BRASIL COLÔNIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A ATUALIDADE

Aline Soares Silva ¹
Ariany da Silva Bezerra ²
Chrislaine Aparecida de Souza ³
Josiane Patrícia Herculano Pereira ⁴

INTRODUÇÃO

Compreender nosso presente e as relações educacionais que se entrelaçam na atualidade, significa olhar com cautela sobre o passado, debruçar na história vivida pelos povos dessa terra, Brasil, e nos processos sociais, educacionais, econômicos e políticos que permearam o final do século XV e início do XVI, com a chegada dos portugueses. A história da educação do Brasil inicia-se em tempos bem remotos, quando da chegada dos portugueses e posterior entrada da Companhia de Jesus, pois “é quase (im) possível pensar uma história de educação brasileira sem colônia e colônia sem a Companhia de Jesus (Considerada um Estado dentro do Estado português)”. (ROSÁRIO e MELO, 2015, p. 380)

Segundo Fausto (1995) a história da Brasil colônia pode ser dividida em três períodos desiguais em termos cronológicos: o primeiro inicia-se com a chegada de Cabral a instalação do governo geral em 1549; o segundo, o mais longo, compreende o lapso de tempo entre a instalação do governo geral e as últimas décadas do século XVIII; o terceiro finda o século XVIII até independência em 1822. Este texto versa sobre o segundo período.

Ao final do século XV, em 1494, ainda sem conhecimento da terra que seria “descoberta”, Portugal e Espanha selam um Tratado que dividiria os terrenos do chamado novo mundo. Firmado no povoado de Tordesilhas em 7 de junho, foi um tratado celebrado entre os Reinos de Portugal e Espanha, com a finalidade de dividir as terras “encontradas e por encontrar” pelas duas Coroas. Tal acordo, dava a Portugal o direito de posse e exploração de grande parte do território que viria a ser chamado de Brasil. Para garantir a detenção das terras, o governo português organizou a expedição que foi liderada por Pedro Álvares Cabral em 9 de março de 1500, a caravana computava com 13 caravelas e cerca de 1500 pessoas, entre eles religiosos e soldados. A esquadra de Cabral acostou-se as terras que ficaram conhecidas, inicialmente, como Ilha de Vera Cruz, em 22 de abril do mesmo ano.

Ao desembarcarem em terras, até então desconhecidas, ocorreu, o que foi chamado por muitos historiadores, de “encontro de culturas”, uma forma de amenizar as péssimas relações estabelecidas entre os povos. “Quando os europeus chegaram à terra que viria ser o Brasil, encontraram uma população ameríndia bastante homogênea em termos culturais linguísticos, distribuída ao longo da costa dos Rios Paraná – Paraguai” (FAUSTO 2002, in ROSÁRIO e MELO, 2015), porém é de conhecimento que, para os representantes do império, os povos da terra não possuíam qualquer forma de organização social, educativa ou cultural o que é confrontado por Paiva

¹ Mestranda em Educação da Pontifícia Universidade Católica – PUC/ MG, allinesoares@gmail.com;

² Mestranda em Educação da Pontifícia Universidade Católica -PUC/ MG , ariany4@gmail.com;

³ Mestranda em Educação da Pontifícia Universidade Católica -PUC/MG, chris.historia25@gmail.com;

⁴ Mestranda em Educação da Pontifícia Universidade Católica – PUC/ MG, josphp2004@oi.com.br.

[...] quando os portugueses chegaram para dominar as novas terras, as sociedades tribais já possuíam uma forma de transmitir seus conhecimentos aos mais novos. O pajé tinha certamente seu aprendiz para o qual repassava seus conhecimentos farmacológicos e ritualísticos, assim como os pais sabiam muito bem ensinar a seus filhos a arte da caça, da pesca e da fabricação do arco e da flecha, tal como a arte plumária, as peças de artesanato, as panelas e pinturas corporais que eram praticados por todos e todos ensinavam a todos. (PAIVA, 2015, p. 203)

A relação estabelecida com a nova colônia, que passou a se chamar Terra de Santa Cruz, e seus “moradores”, foi, em um curto período de tempo, parcialmente pacífica. Ela consistia na prática de escambo, a troca de quinquilharias por pau brasil. Os homens da terra (indígenas) realizam o trabalho de retirada e transporte da madeira até as embarcações portuguesas, que faziam o transporte para a terra europeia, em troca, recebiam pequenos adornos e objetos sem qualquer valor. A relação ainda “amistosa” não duraria muito tempo, pois havia uma deficiência (por parte dos europeus) em lidar com os indígenas (ROSÁRIO, 2015). Em 1516, com o objetivo de concretizar o povoamento e a exploração das terras “descobertas”, Dom Emanuel I, então rei de Portugal, envia novos colonos para a terra. Os indígenas, não satisfeitos com a investida, resistiram a tentativa de submissão e terminaram por expulsar os portugueses.

Novas batalhas foram travadas a partir de 1530, com chegada de mais esquadras portuguesas com o objetivo de ampliar seus domínios frente as terras “conquistadas”. Em 1534 Portugal deu início a grande fase de exploração e ampliação do território, por meio de capitânias hereditárias. Fato este que passou a ocasionar o extermínio de povos da terra nos anos que sucederam. É então que se inicia o período que será chamado de colonização, a apropriação e exploração das terras “brasileiras” pelos portugueses. “O início da colonização foi marcado pela intervenção direta dos jesuítas em vários desdobramentos da vida na colônia, em especial na educação, ainda que através da catequese”. (NOLASCO, 2008, p.30). Marca também o período exploratório, de grande extermínio e submissão dos indígenas por não se sujeitarem às imposições de caráter escravista de Portugal. Ao mesmo tempo, inicia-se o período de catequização e formação das missões, aldeamentos organizados por padres jesuítas para a catequização dos indígenas.

A CHEGADA DA COMPANHIA DE JESUS NO BRASIL

A história da educação brasileira, inicia-se em 1549 com a chegada da Companhia de Jesus, a grande ordem religiosa da Igreja Católica. Por aqui passaram outras ordens, como os beneditinos e franciscanos, mas é sob o comando dos jesuítas que a educação brasileira se inicia de fato.

Acreditando na necessidade da construção de uma educação que doutrinasse os ditos “selvagens”, iniciou-se o processo de catequização indígena realizado pelos padres jesuítas, que tinha como finalidade converter indígenas a fé católica por meio da catequese, e assim, deixassem de ser pagãos. Os padres acreditavam também, que os povos “nascidos na terra” não deveriam ser incomodados, e, por isso, poderiam ser tratados como pessoas humanas, diferenciando-se dos escravos africanos. Para que atingissem seu objetivo ensinavam a língua materna, como forma de manutenção do espírito catequizador. Objetivavam também produzir mão de obra para o trabalho nas lavouras, assim como garantir a proteção dos aldeamentos contra qualquer ataque.

Como fundador da nova ordem estava Inácio de Loyola, um antigo militar espanhol que, segundo seus preceitos, construiu a Companhia de Jesus numa disciplina rigorosa de exercícios espirituais, regras e devoção. Destacando ainda, [...] “a obediência absoluta e sem limites aos superiores; a disciplina severa e rígida; a hierarquia baseada na estrutura militar; e a valorização da aptidão pessoal de seus membros”. (NETO e MACIEL 2008, p.171)

Em 1540 a Companhia de Jesus passa a ser reconhecida pelo Vaticano, e 9 anos mais tarde, chega ao Brasil, na armada de Tomé de Souza, então Governador Geral. De antemão funda a primeira escola na cidade de Salvador. Estabelece como objetivo inicial catequizar e converter os indígenas a fé cristã e em pouco, inicia-se o processo de criação de escolas elementares, secundárias e seminários que garantiriam a formação de novos sacerdotes e seriam “um espaço para a guerra de ideias contra o protestantismo na preservação dos valores morais e na difusão da cultura cristã europeia”. (ROSARIO e MELO, 2015, p.384). Em contrapartida criam as missões, aldeias indígenas fundadas e administradas por eles, que logo se espalhariam pelo Brasil.

Os missionários jesuítas destacaram-se na fundação de povoados e na formação de ótimos artífices. Em contrapartida aprendiam com os indígenas sobre a flora e fauna locais, sobre a diversidade cultural das comunidades da terra. Assim, a relação entre os povos da terra e os jesuítas foi se consolidando, conforme afirma Kern

Guerreiros indígenas e missionários Jesuítas tiveram encontros e desencontros enquanto discutiam e aprendiam uns com os outros, a partir da tradição cultural das práticas sociais indígenas e da cultura europeia cristã, as novas formas que assumiriam as complexas e realidades sociais que emergiam. (2014, p.109)

A AMPLIAÇÃO DO TRABALHO DA COMPANHIA DE JESUS NO BRASIL

Os primeiros trabalhos dos jesuítas no Brasil ocorreram na difusão das bases da catequização, com a criação das primeiras casas de bê-á-bá, iniciando a educação colonial de forma ainda limitada, por meio da atuação com suas escolas de ler, escrever e contar, pois perceberam que não seria possível converter os índios à fé católica sem que fossem alfabetizados. Aos poucos chegaram às aldeias para difundir a fé cristã. Nesse tempo, doutrinavam os nativos, especialmente os jovens e crianças, pois entendiam que estes aprenderiam mais facilmente sobre os valores cristãos que seriam ensinados. A instrução era feita por meio da leitura e apresentação da palavra divina, pois assim poderiam compreender melhor o mundo, então ignorado por eles.

Nos anos que aconteceram a chegada dos jesuítas, instituições de educação são fundadas em diferentes cidades, escolas estas que visavam também a formação de sacerdotes, que expandiriam o trabalho das missões. Priorizavam o ensino elementar e algumas escolas preparavam a elite para o Ensino superior na Metrópole. Na Europa os jesuítas fundavam colégios para educar os filhos dos novos burgueses. Dessa forma, a classe dominante adquiria “um verniz cultural que a distingue dos demais; do povo rude, plebe” (ROSÁRIO e MELO, p. 385, 2015).

Para além de suas concepções de cunho religioso, os jesuítas trouxeram também sua metodologia de ensino, a proposta de trabalho pedagógico, que por sua vez era influenciada pelas orientações filosóficas das teorias de Aristóteles e São Tomás de Aquino, (Maciel e Neto) principalmente no que se refere à ideia de universalização do ensino. Sua metodologia era embasada por um documento conhecido como *Ratio Studiorum*.

O RATIO STUDIORUM E A EXPULSÃO DOS JESUÍTAS

O *Ratio Studiorum*, método pedagógico dos jesuítas, foi constituído por um conjunto de 467 regras, construído em 30 grupos. Não é uma obra pedagógica conforme vemos na atualidade onde se discute sobre teorias e princípios (Bittar, 2011). Trata-se de um conjunto de regras destinadas a uniformizar o currículo, a orientação e a administração do sistema educacional a ser seguido (Neto e Maciel). Tratava também sobre a metodologia, organização

e conteúdo dos estudos (Silva, 2009). O método era exposto em forma de um manual, composto por um conjunto de preceitos, que visavam nortear as atividades de cunho pedagógico dos professores, direcionava o foco para a organização e administração escolar dentro dos colégios da ordem, admitindo uma formação uniforme a todos que cursassem. “Não era um tratado sistematizado de pedagogia, mas sim uma coletânea de regras e prescrições práticas e minuciosas a serem seguidas pelos padres jesuítas em suas aulas”. (NETO e MACIEL, 2008, p.180).

O *Ratio* oferecia três opções de cursos: o secundário, que correspondia ao curso médio, e dois cursos superiores, o curso de teologia e o curso de filosofia. Também chamados de inferior (correspondente ao ensino médio) e superior (ensino universitário).

Para os cursos superiores e secundários, o *Ratio* organizou currículos precisos e pormenorizados. Os cursos, denominados “currículos” eram: Currículo teológico; currículo filosófico; currículo humanista. Este último corresponderia hoje ao secundário e abrangia cinco classes no *Ratio*: retórica, humanidades, gramática superior, gramática média, gramática inferior. (Bittar, 2011, p.235)

No Início do Século XVII, o domínio dos Jesuítas expandiu chegando em estados das atuais regiões Norte e Nordeste. Os colégios fundados nestas regiões também se transformaram, com o decorrer do tempo, em centros de expansão missionária e de ensino. No século XVIII, a Companhia foi para o Sul do Brasil, onde fundou Colégios e exerceu atividades de educação e evangelização. (SILVA, 2009).

Com o objetivo de evangelizar os povos da terra e garantir a manutenção da fé católica, os Jesuítas permaneceram por mais de 200 anos no Brasil, o que garantiu o acúmulo de riquezas, tornaram-se grandes “proprietários de fazendas, gado, escravos e colégios” Conquistaram não somente o poder religioso, mas construíram um “verdadeiro Estado dentro do Estado português”. (ROSÁRIO e MELO, 2014, p. 388). Após desenvolverem muitas atividades em diferentes estados e exercerem o controle expressivo de setores pelo país, veio a expulsão da Companhia de Jesus e de seus membros, do Brasil, em 1759 e posteriormente, em todo o mundo. O responsável pela expulsão, então primeiro Ministro português, Marques de Pombal, fica incumbido de realizar uma reforma educativa na Colônia, que passa a ser conhecida como Reforma Pombalina.

A COMPANHIA DE JESUS NA ATUALIDADE

Após 43 anos de exílio, em 1843, a Companhia restabelece suas atividades no Brasil. Fundam escolas e centros de aprendizagem iniciando o trabalho pelo Sul do país, com os Jesuítas espanhóis que vieram da Argentina. Mais tarde, padres de diferentes nacionalidades chegam ao Brasil, a fim de difundir as ideias da ordem e suas escolas e universidades se espalham em diferentes regiões. Conforme Silva (2009, p.123) “sem a mesma hegemonia inicial, ainda hoje os Jesuítas exercem algumas funções importantes no Brasil. Destacam-se no ensino universitário e na direção e na propriedade de algumas Universidades”.

Na atualidade estão distribuídos em diferentes instituições pelo Brasil:

[...] a Rede Jesuíta de Educação é responsável por 17 escolas, colégios e creches, que reúnem mais de 31 mil alunos e quase 2 mil educadores. A Companhia de Jesus mantém ainda seis faculdades e universidades, além de atuar fortemente na área de Educação Popular [...] (JESUITASBRASIL.COM)

Se organizando da seguinte forma:

A Companhia de Jesus ainda hoje se divide em Províncias, demarcadas por limites geográficos já existentes tais como estado, país ou regiões, que englobam várias casas e colégios e podem ocupar território de uma nação ou apenas parte dele. O Provincial é o principal chefe dessas unidades, porém o Reitor é a figura central dos colégios. (SILVA, 2009, p. 106)

Organizando-se dessa forma, na contemporaneidade, a Companhia de Jesus segue atuante em grande parte do Brasil, exercendo a sua função educativa e missionária, por meio de seus Colégios, Faculdades, casas de formação, espaços de retiros e comunidades, sempre com cunho espiritual e educativo. Ao lado de outras ordens, os jesuítas permanecem colaborando na construção da História da Educação do Brasil, “não só na formação do Agente Religioso de seus quadros, mas na educação do cidadão brasileiro” (SILVA, 2009, p.231).

Em compromisso com a formação de crianças, jovens e de seus educadores, lançam o livro: “PEDAGOGIA INACIANA, uma proposta prática”, uma das mais importantes obras da Companhia na atualidade, servindo para nortear o trabalho de docentes em diferentes partes do país. A obra traria uma renovação aos educadores buscando impulsionar os ideais educativos da Companhia e levando em consideração o contexto das experiências dos alunos e a avaliação, como fase essencial da aprendizagem. (KOLVENBACH, in ZAN 2003).

Em 2014, tornam-se a Rede Jesuíta de Educação (RJE) e passam a traçar estratégias e trilhar caminhos comuns para todas as unidades educativas. Com a formação da RJE, as escolas passam a trilhar um trabalho integrado, a partir de uma mesma identidade e do sentido de corpo apostólico, com mútua responsabilidade pelos desafios comuns. Em síntese, com esse novo direcionamento as Instituições Jesuítas assumem a missão de formar homens e mulheres conscientes, competentes, compassivos e comprometidos. Para unificar e fortalecer as ações em Rede, em 2016, lançam o PEC, Projeto Educativo Comum, elaborado pelas Unidades Educativas que compõem a (RJE). Consta no PEC (2016, p.11) como objetivo principal da Rede: rever, reposicionar e revitalizar o trabalho apostólico da Companhia de Jesus na área de Educação Básica no Brasil e, ao mesmo tempo, inspirar, orientar e direcionar os ajustes e/ou qualificação do que é feito pelos educadores na atualidade.

Hoje, se assumem como Instituições desvinculadas de qualquer órgão governamental. Promovem, por meio da Rede, a proposta de formação integral dos sujeitos e orientam seu trabalho em 4 dimensões: (1) Curricular; (2) Organização, Estrutura e Recursos; (3) Clima Institucional; e (4) Relação com a família e com a comunidade. (PEC, 2016).

CONCLUSÃO

O século XVI foi o período em que os movimentos de reformas começam a ser formatados. Junto a esses movimentos, surge o método pedagógico dos jesuítas, fato este que contribuiu para a criação de um sistema educacional que abrangeria não só Portugal e Brasil, mas um número considerável de países. É evidente perceber a força dos jesuítas frente a seu projeto educativo, assim como seu poder doutrinador, incutindo não somente nos gentios, mas também em colonos e nobres, suas concepções religiosas, fundamentadas nos princípios católicos.

Por meio do *Ratio Studiorum*, instituíram o ensino das artes, filosofia, canto, literatura. Formaram a alta sociedade brasileira, colocando em destaque a nobreza e instruindo de forma mais rudimentar os demais colonos. Ensinarão aos nativos a língua portuguesa e a crença num único Deus, embora esse processo tenha custado aculturação de diferentes povos indígenas.

Mas é urgente perceber a importância da Companhia de Jesus no processo educacional brasileiro, com currículo e metodologias bem estruturados. Os jesuítas consolidaram no Brasil, os ideais da Igreja Católica da época, tornando o país, um território de católicos.

Por ora, é prudente relatar que a expulsão dos jesuítas de todos os seus domínios no século XVIII, tenha sido providencial, podendo assim, a Companhia de Jesus se reinventar, mantendo os preceitos de Inácio, porém inovando na forma de educar. Todavia, torna-se necessário discorrer sobre os ideais da Companhia, que repercutem na história da educação nacional de forma muito significativa até os dias de hoje. Os jesuítas tornaram-se um marco na história da educação brasileira, deixaram seu legado contribuindo para a criação de uma escola moderna e estabeleceram um sistema de instrução que se tornou conhecido mundialmente.

Referências

BITTAR, Marisa. Colégios e Regras de Estudo no Sistema Jesuítico de Educação. Em: Série- Estudos - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB, Campo Grande-MS, n. 31, p. 225-244, jan./jun. 2011.

CALEFFI, Paula. Educação autóctone nos séculos XVI ao XVIII ou Américo Vespúcio tinha razão? Em: Maria Stephanou; Maria Helena Camara Bastos. (Org.) Histórias e Memórias da Educação no Brasil. Porto Alegre: Vozes, 2004, v. Vol. 1, p. 32-44.

FAUSTO, Boris. História do Brasil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo – EDUSP, 1995. 653 p.

KERN, Arno. A educação do outro: jesuítas e guaranis nas missões coloniais platinas. Em: Maria Stephanou; Maria Helena Camara Bastos. (Org.) Histórias e Memórias da Educação no Brasil. Porto Alegre: Vozes, 2004, v. Vol. 1, p.108-120.

NETO, Alexandre Shigunov; MACIEL, Lizete Shizue Bomura Maciel. O ensino jesuítico no período colonial brasileiro: algumas discussões. Educar, Curitiba, n. 31, p. 169-189, 2008.

NOLASCO, Patrícia Carmelo. A educação jesuítica no período colonial e a pedagogia de Anchieta: catequese e dominação. Dissertação (mestrado em Educação). Campinas, SP. 2008

OLIVEIRA, Amanda Melissa Bariano de. AÇÃO EDUCACIONAL JESUÍTICA NO BRASIL COLONIAL. Revista Brasileira de História das Religiões. Maringá, PR. n.9, v. III, jan/2011.

PAIVA, Wilson Alves de. O LEGADO DOS JESUÍTAS NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 31, n. 4, p. 201-222, out./dez. 2015.

SÜNDERMANN, Mário SJ. Organizadores. PEC: Projeto Educativo Comum. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2016.

ROSÁRIO, Maria José Aviz do; MELO, Clarice Nascimento de. A educação jesuítica no Brasil colônia. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, SP, v. 15, n. 61, p. 379-389, jul. 2015.

SILVA, José Carlos da. O ensino da filosofia na formação do agente religioso no Brasil colônia: uma identidade política entre a vassalagem epistemológica tradicional e a experimentação pedagógica heroica (1549-1599). TESE (Doutorado em Filosofia) – Campinas, SP: [s.n.], 2009.

ZAN, Mario. Pedagogia inaciana: uma proposta prática. 6 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1993. 120 p.